

Modalidade do resumo: Resumo Expandido

Área Temática: Ensino Fundamental

Classificação do trabalho: Extensão

ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: AS SENSIBILIDADES E OS MODOS DE DIZER AS RELAÇÕES ESPACIAIS NO RECIFE DE 1817 E NOSSOS DIAS

**Jéssica Dayane do Nascimento¹; Josineide Soares de Lima²;
Orientadora: Maria Thereza Didier de Moraes³**

¹Estudante do Curso de Pedagogia - CE- UFPE, E-mail: jessican31@gmail.com;

²Estudante do Mestrado em Educação - CE -UFPE;

³Docente/pesquisador do ³Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - CE - UFPE.

Resumo: Este trabalho é o resultado das atividades desenvolvidas pelas discentes vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na subárea de História, sob a orientação da professora Maria Thereza Didier de Moraes, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Darcy Ribeiro localizada no bairro do Cordeiro, Recife – PE, durante o segundo semestre do ano letivo de 2016. **Introdução:** O ano de 1817 mobilizou vários setores da cidade e as invasões tanto holandesas quanto portuguesas interferiram na arquitetura, nas ruas e vias, embora as relações nem sempre fossem somente de descobrimento, não obstante também de exploração, principalmente de exportação de açúcar para outros países, sendo essa uma das principais fontes econômicas daquele tempo. Em vista disso, tivemos como objetivos: perceber as transformações e permanências que ocorreram na arquitetura da cidade e nos seus espaços, bem como, conhecer os modos como as pessoas se relacionavam e continuam se relacionando com a cidade do Recife desde os anos de 1817 aos nossos dias. **Metodologia:** Esta pesquisa foi desenvolvida a partir das vivências pedagógicas provenientes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), estabelecido em parceria pela universidade e escola pública municipal. Nossas intervenções ocorreram em uma turma do 5º ano do ensino fundamental da escola municipal Darcy Ribeiro durante o segundo semestre do ano letivo de 2016. Elas aconteceram após diversas observações em sala, leituras sobre a temática e orientações pedagógicas com a professora Maria Thereza Didier de Moraes. O trabalho desenvolvido na escola, teve como aporte teórico autores como (CARVALHO, 1998), (FRANÇA, 2015), (LARROSA, 2002), (PESAVENTO, 2012), dentre outros. De acordo com a temática escolhida para o desenvolvimento das atividades na escola, elencamos alguns subtemas envolvendo as Relações Espaciais na cidade do Recife. Acerca da temática foram ministradas duas aulas: a primeira intitulada “Mudanças e Permanências na cidade do Recife de 1817 aos dias atuais” e a segunda intitulada “Relações Espaciais: o forte das cinco pontas”. A metodologia adotada foi composta por planejamentos de aulas e intervenções pedagógicas, com o propósito de problematizar o estilo arquitetônico da

época e contemplar discussões acerca da ocupação e envolvimento das pessoas com esses espaços. Na aula sobre “Mudanças e Permanências na cidade do Recife de 1817 aos dias atuais”, os alunos identificaram algumas mudanças e permanências na arquitetura e nos espaços da cidade do Recife nos anos de 1817 e nos dias atuais, bem como, perceberam as mudanças e permanências, que ocorreram nos modos como as pessoas se locomoviam no Recife e também conheceram os meios de transportes existentes nos anos de 1817 e os que ainda perduram nos dias de hoje. Nesta aula, realizamos uma atividade com os alunos, que consistia em construir cartazes com imagens que retravam os aspectos e espaços da cidade do Recife (arquitetura, pontes, porto, casas, meios de transportes e etc.) em 1817 e como são nos dias atuais. Após a construção dos cartazes, os alunos socializaram para a turma e apontaram as mudanças e permanências que ocorreram na arquitetura da cidade, nas formas como as pessoas ocupavam os espaços e nas formas como elas se locomoviam na cidade. Finalizamos a aula com uma roda de diálogo, para que os alunos pudessem expressar as suas impressões acerca do que foi trabalhado. Durante esse momento, os alunos expressaram que não trocariam o ano de 2016 pelo ano de 1817. Na aula sobre “Relações Espaciais: o forte das cinco pontas”, apresentamos uma imagem da planta do “Forte das cinco Pontas em 1817” e contamos um pouco da história, a partir de alguns questionamentos. Conversamos sobre o valor histórico do forte, que passou por reconstruções, sendo construído por Holandeses e reconstruído pelos Portugueses. Os alunos falaram das modificações, que o forte sofreu, já que eles os veem com quatro pontas e não com as cinco pontas como estava apresentado na planta de 1817 e também sobre as mudanças arquitetônicas ocorridas ao redor do forte. Nesta aula também exibimos o vídeo: “Fortes de Recife (sistema de defesa costeira)”, que retrata os fortes do Recife. Após a exibição do vídeo, conversamos com os alunos sobre os tipos de relações, que as pessoas estabeleciam nos anos de 1817 com o forte das cinco pontas e as relações que as pessoas estabelecem nos dias atuais com esse espaço. Neste momento, discutimos as mudanças ocorridas nas formas das pessoas se relacionarem com esse espaço, destacando que no ano de 1817 as relações mantidas com esse espaço eram de proteção, pois o forte era utilizado para a proteção da cidade das invasões marítimas e agora as relações, que as pessoas mantêm com esse espaço é de reconhecimento como patrimônio histórico da cidade. Para concluir esta aula, os alunos produziram um forte utilizando argila e também desenharam algo que eles gostariam que fossem protegidos. Enquanto desenhavam, eles falaram sobre os motivos para as específicas produções, relatos que estavam interligados as suas histórias pessoais. **Resultados e discussões:** Durante a execução das ações de intervenções pedagógicas foi possível observarmos o enriquecimento do conhecimento histórico e desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo dos alunos, que passaram a olhar a cidade de forma mais questionadora e se colocarem como sujeitos construtores de história. Pensamos em envolver tal temática, para vivenciarmos como os acontecimentos de 1817, que perpassam pela Revolução Pernambucana repercutem em nossos dias, assim como também, para conhecermos como as pessoas naquele ano se relacionavam com os espaços, como eram utilizados e ocupados, uma vez que os mesmos contam a história de vida dos habitantes da cidade do Recife. Refletir sobre as diferentes experiências de temporalidade nos incitam a conhecer mais sobre nós mesmos e o outro, e nesse entremeio de experiências e sensações saber que as mesmas se tornam parte de nossas memórias

e compreender que elas contam nossa história, para que o aprender ganhe significado. **Conclusões:** As aulas foram vivenciadas com o intuito de perceber as mudanças e permanências que ocorreram na cidade do Recife desde 1817 até os nossos dias, bem como, os modos como as pessoas se relacionavam com a cidade naquela época e como elas se relacionam com a cidade nos dias de hoje. Em razão disso, intercalamos o ano de 1817 e nossos dias de tal forma, que os alunos percebessem o quanto desse tempo ainda está em nós, em nossa cidade. Perceber-nos em outros tempos, sentir suas vibrações, ver o quanto ainda temos desse tempo em nós, e do quanto dele em nós já se foi. Sentir suas reverberações não só no eu, mas em tudo a nossa volta, no ambiente e em seus espaços. Essas são algumas das formas, que pensamos as relações espaciais, quando aqui nos referimos ao ano de 1817 e nossos dias, compreender que somos sujeitos imersos na história e nos reconhecemos enquanto sujeitos históricos. Logo, notamos que vivenciar o tema de relações espaciais nos proporcionou momentos riquíssimos de aprendizado, uma vez que pudemos olhar o Recife e tecer relações temporais significativas de mudanças e permanências na cidade, e como essas transformações contribuíram para as nossas memórias, no sentido de nos sentirmos pertencentes às transformações históricas e sociais.

Palavras-chave: Relações espaciais; Recife; PIBID.

Agência de fomento: CAPES

Referências:

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** In Revista Brasileira da Educação. N^o. 19. Jan/Fev/Mar/Abr. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Rumores e rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife, 1817-1848.** *Tempo*, Vol. 3 - n^o 6, Dezembro de 1998.

FRANÇA, Wanderson Édipo de. **GENTE DO POVO EM PERNAMBUCO: da Revolução de 1817 à Confederação de 1824.** *Clio – Revista de pesquisa histórica* – n^o 33.1, mai. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.